



ARISSON MARINHO

## ‘Ciência maior é o diálogo’, afirma acadêmico Pataxó

Ubiraci Pataxó é um dos convidados do festival afrofuturismo. À primeira vista, assistir um homem com traços indígenas e com um cocar na cabeça falar sobre o futuro, a partir da perspectiva afro, pode causar estranhamento. Mas o terapeuta indígena, que enxerga no diálogo a saída para tempos melhores, prova que tem autoridade sobre o assunto. Fruto da mistura entre um indígena e uma mulher preta, Ubiraci Pataxó cresceu vendo o pai curar doenças a partir de substâncias naturais na comunidade Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, no sul da Bahia. Ubiraci não deixou de lado a ancestralidade quando ingressou na universidade e entrelaçou os saberes indígenas com a ciência moderna. Para ele, a construção de um mundo melhor exige diálogo entre culturas diferentes.

Ubiraci enfrentou resistência até que começasse a ser ouvido dentro do ambiente acadêmico.

Em uma sociedade em que a cultura europeia é vista como mais importante, trazer à tona os saberes dos povos originários não é tarefa fácil. “Muitos diziam que ali não era meu lugar, perguntavam o que um ‘índio’ queria dentro da universidade”, relembra. Além de aprendiz de pajé, Ubiraci é pesquisador do grupo saúde coletiva, epistemologias do sul e interculturalidades da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

“Meu movimento tem como base a união entre os saberes acadêmicos e comunitários. eu reconheço a medicina moderna, mas também existe a medicina da minha comunidade, que é muito mais antiga. se pudermos unir essas duas coisas, seremos mais sábios”, afirma.

Daí surge a importância do diálogo, que Ubiraci caracteriza como a maior das tecnologias: “Se eu cuido da minha aldeia, onde passa um rio, mas a nascente é na terra de um fazendeiro, preciso dialogar com ele porque o agrotóxico que ele utiliza vai adoecer meu povo”, exemplifica.

## Jornalista Manoel Soares aborda racismo estrutural

O jornalista Manoel Soares não quer voltar à televisão. Pelo menos não por enquanto. Depois da saída conturbada da TV Globo, em junho deste ano, o apresentador de 44 anos admite que combater o racismo dentro de grandes empresas é tarefa árdua e cansativa.

“É uma indústria que nos exila porque quando denunciamos as injustiças que sofremos, geramos lucro para essa indústria. Mas, se não denunciarmos, seremos conivente com ela”, falou o jornalista durante painel no Festival Afrofuturismo, no Pelourinho. Ao longo da conversa, Manoel Soares fez diversas referências ao tempo que ficou na emissora, chegou a dizer que foi demitido e disse que pretende se manter afastado da televisão por “um tempo”. “Quando você denuncia uma situação de racismo, você luta contra ele e, ao mesmo tempo, atesta publicamente o poder do seu opressor. E isso é muito delicado e nos coloca em uma sinuca de bico [...] Temos que saber como sair desses lugares”, completou Manoel Soares.

O apresentador participou dos programas ‘Encontro com Patrícia Poeta’, da TV Globo, e do ‘Papo de Segunda’, do GNT. Para Manoel Soares, buscar se livrar das armadilhas imposta pelo racismo passa pela colaboração entre pessoas negras. “Eu não pretendo voltar tão cedo”, afirmou.

# Afrofuturismo mistura ancestralidade e tecnologia

**Festival** Idealizadores querem mostrar potencial para negócios e inovação

**Maysa Polcri**

REPORTAGEM  
maysa.polcri@reddebahia.com.br

A quinta edição do Festival Afrofuturismo vem transformando o Centro Histórico de Salvador em um palco de debates sobre ancestralidade e tecnologia. O evento que termina hoje, é realizado em nove pontos do Pelourinho e na Estação da Lapa e faz parte da programação do Salvador Capital Afro.

Criado pela hub de inovação Vale do Dendê, o Festival Afrofuturismo – que tem como tema ‘De Volta para o Futuro’ – passou por diversas fases e modelos e vem se consolidando como evento de referência para inovadores e criativos de todo o Brasil.

A coordenadora geral do festival Maria Ribeiro destaca que, na prática, o afrofuturismo aparece em negócios como a agência Afrotours, que

para Carine, fundadora da Escola Maria Felipa, ressaltou como preparar os mais novos para o combate ao racismo. “Crianças não precisam acessar as dores que acessamos. Precisamos pensar, em uma perspectiva educacional, que quando a dor chegar, as crianças estejam empoderadas para enfrentá-la de forma diferente”, disse

### NEGÓCIOS INOVADORES

Para Paulo Rogério Nunes, cofundador do hub de inovação Vale do Dendê, o conceito de afrofuturismo pode ser definido como uma conexão entre ancestralidade e presente para criar soluções assertivas para o futuro, sem esquecer as tradições africanas.

Nunes é enfático em pontuar que a mistura entre passado e atualidade impulsiona negócios e dá lucro, no entanto, ainda esbarra na falta de conhecimento das grandes marcas. “Afrofuturismo é pensar o futuro a partir da perspectiva afro. Em geral, pensar sobre o futuro costuma ser voltado aos grandes centros de pesquisa da Europa e Estados Unidos. Então, nosso objetivo é inovar tendo como base as nossas perspectivas”, afirma.

Desde ontem, segmentos como a moda, gastronomia, arte, educação e cultura são alguns dos eixos que mostram o potencial de expansão através do afrofuturismo. “O setor privado da Bahia ainda não entendeu o potencial dessa narrativa e dos negócios gerados por empreendedores afro. As pessoas enxergam o afro apenas como político, mas é um tema de mercado e inovação também”, completa Paulo Rogério.

Também participaram do debate a intelectual Bárbara Carine e Angel Vasconcelos, líder de Equidade do IFood.

O evento prossegue até hoje com palestras, workshops e apresentações que têm como enfoque ancestralidade e tecnologia

realiza passeios dentro de Salvador a partir da perspectiva afro, e a Escola Maria Felipa, primeira instituição de ensino afro-brasileira do Brasil. “Temos um espaço de conversa chamado Dendê Talks e queremos que os afroempreendedores compartilhem suas experiências de como eles enxergam e se preparam para o futuro”, explica.

Na manhã ontem (20), dia em que foi celebrado a Consciência Negra, o público acompanhou o painel ‘Inovação, Tecnologia, Educação e Políticas de Equidade a serviço da Redução das Desigualdades’. Durante a conversa, o jornalista Manoel Soares falou sobre a importância das pessoas negras fazerem parte do movimento de inovação tecnológica. “A tecnologia é a nova magia. Nós precisamos saber manuseá-la ou ficaremos enfiados”, ressaltou.

Durante a conversa, Bár-